

A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NA CULTURA BRASILEIRA

MARCEL DE ALMEIDA FREITAS*

RESUMO

Este trabalho, eminentemente teórico, pretende articular algumas teorizações recentes provenientes da Antropologia Cultural e da Psicologia Social brasileira acerca da masculinidade hegemônica no contexto brasileiro.

Palavras-chave: masculinidade – identidade – gênero.

THE HEGEMONIC MASCULINITY IN THE BRAZILIAN CULTURE

ABSTRACT

This theoretical article intends to link some recent views from Brazilian Cultural Anthropology and those from Social Psychology concerning hegemonic masculinity in Brazilian society.

Key Words: masculinity – identity – gender.

* Antropólogo. Mestrando em Psicologia Social – Universidade Federal de Minas Gerais. Email: marleoni@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A presente reflexão acerca da(s) masculinidade(s) almeja ser um exercício antropológico de cunho psicológico. Portanto, em momentos mais tenros da constituição da disciplina antropológica era comum se referir a uma 'Antropologia Política', da Religião, etc., e nos parece que há pessoas que ainda insistem em falar de uma Antropologia do Gênero, da Mulher ou, agora, do Homem. A Antropologia não deve ser encarada como um aglomerado de 'gavetas' temáticas que se fecham em especialidades metodológicas ou teóricas: ao invés disso, defendemos a proposta de uma etnologia¹ compromissada.

O presente trabalho se propõe a realizar uma leitura psicoantropológica acerca dos temas referentes à sexualidade masculina e ao gênero, instâncias que permitem apreender as lógicas das organizações humanas, suas dinâmicas de ação, seus meios de expressão e os relacionamentos dos indivíduos entre si. Antes de qualquer coisa devemos perceber a inviabilidade de atualmente se produzir uma Antropologia idealizada, 'romântica', que se pretende isenta de quaisquer juízos de valor ou imune às trajetórias de vida dos pesquisadores. Há que se minar esse tipo de ilusão, que só contribui para caricaturar e estereotipar a referida Ciência, e inibe os esforços legítimos de sistematização e sofisticação teórica não só na Antropologia, como nas demais Ciências Humanas.

Assim, tomamos a 'sexualidade' neste texto sob uma ótica mais ampla, sendo que, ao contrário disso, ela vinha se constituindo objeto de vários esforços de rígida sistematização e enquadramento teórico. Visualizamos o surgimento e desenvolvimento deste campo com o advento da 'modernidade'. Esta nova forma busca compreender as múltiplas possibilidades de representar e viver o sexo encompasadas segundo 'lógicas' que não são determinadas exclusivamente por traços psíquicos ou biológicos, sendo que atualmente, nas Ciências Humanas, um pres-

suposto básico é de que as condutas sexuais são social e culturalmente desenvolvidas e orientadas (BOZON et al, 1995; GIDDENS, 1993). Enquanto terreno cultural, a vida sexual e afetiva é dada em contextos históricos e geográficos específicos, e está sujeita aos mesmos instrumentos de análise propostos pelas teorias sociais com referência aos processos econômicos e políticos, por exemplo. Tal postura pode ser, em parte, debitável a uma perspectiva construtivista na Antropologia atual. Esta proposição se baliza na contribuição dos estudos de FOUCAULT (1993), entre outras, que propõem ser o sexo socialmente construído e que merece ser lido através de causas culturais e sociais. A sexualidade não deve ser tomada *per se*, mas associada a acontecimentos históricos, materiais e culturais, que hoje em dia estão orientados por uma mentalidade 'pós-moderna'.

Em *A História da Sexualidade I*, Michel FOUCAULT (1979) toma como objeto de análise o processo que conduz à constituição daquilo que ele denomina 'dispositivo da sexualidade', que em linhas gerais se origina a partir de um movimento social de singularização que elege a sexualidade como eixo estruturador da pessoa. Isso acontece com a modernidade, sendo que nas camadas mais 'privilegiadas' tem seu desenvolvimento mais expressivo e visível. A sexualidade, desta forma, se torna autônoma e se desenvolve enquanto produto – e produtora – de transformações no nível sociocultural, com destaque ao terreno do individualismo em suas várias facetas: psicológica, jurídica, econômica, política, etc. A sexualidade hoje, sob a égide do Indivíduo, tem se tornado o próprio âmbito privilegiado deste, tornando-se um complexo capaz de sintetizar atributos fundamentais da identidade pessoal e que por isso mesmo codifica nossas principais referências sociais. Enfim, a sexualidade transformou-se em um foco de produção de significados e verdade para os indivíduos na modernidade².

¹ Entendendo aqui 'etnologia' enquanto a análise e compreensão de uma etnografia, que, por sua vez, significa uma coleta de dados descritiva acerca da vida social e cultural de uma coletividade qualquer. Seu fundamento mor é a comparação e a apreensão de significados (VELHO, Gilberto, 1985).

² Por modernidade podemos aplicar a definição de Anthony GIDDENS em *The Consequences of Modernity* (1990): seria o princípio da sociedade Ocidental pós-século XVIII por excelência, caracterizando-se pelo racionalismo das relações sociais e da produção e pela crescente individualização da pessoa. No aspecto econômico se caracteriza pela industrialização em massa, tendo seu ápice com o capitalismo financeiro.

Pós-modernidade e multiplicidade de gêneros

É inegável o crescimento e, ainda mais, o reconhecimento da produção científica sobre gênero no Brasil a partir dos anos 60. Tendo sua gênese nas preocupações feministas em denunciar a opressão sofrida pelas mulheres, os estudos de gênero questionam, entre outras tantas coisas, a idéia de 'natureza' feminina (e masculina) e reforçam a concepção de que as características atribuídas à mulher – e ao homem – são, na verdade, socialmente construídas. Portanto, neste raciocínio diferencia-se o sexo (dimensão biológica dos seres humanos) do gênero (um construto social), sendo um instrumento profícuo para mostrar que os comportamentos, sentimentos, desejos e emoções, vistos como parte de uma essência masculina ou feminina, são produtos de um determinado contexto histórico e/ou geográfico. Mas o que mudou para que estes estudos, antes desprestigiados e considerados pouco científicos pelos acadêmicos mais ortodoxos, adquirissem legitimidade e visibilidade tão ampla?

O debate neste campo tem se intensificado e permitido cada vez mais a convivência – nem sempre pacífica, mas bastante enriquecedora – de múltiplas posições. Se inicialmente a preocupação dominante era a de denunciar as discriminações e violências sofridas pelas mulheres e homossexuais, hoje existem autores que acreditam que as diferenças entre os sexos estão desaparecendo (fala-se até de uma androginização do indivíduo pós-moderno) e há também aquelas(es) que apontam as conquistas femininas como as principais responsáveis por uma suposta 'crise e transformação da masculinidade'. Em suma, a problematização do conceito de gênero, colocando em xeque sua própria existência, tem tornado a discussão muito mais complexa e elaborada teoricamente no presente momento.

Durante décadas os estudos de gênero foram realizados quase que exclusivamente por pesquisadoras feministas, passando, nos últimos anos, a despertar o interesse de pesquisadores não militantes assim de antropólogos(as), sociólogos(as), psicólogos(as) e historiadores(as) renomados(as), como, por exemplo, Pierre Bourdieu, Anthony

Giddens, Marilena Chauí, Daniel Welzer-Lang, Christopher Lasch. Tal mudança no perfil dos estudiosos(as) deste tema pode ser pensada como um reconhecimento da importância do gênero como uma variável cada vez mais explicativa dos processos sociais.

A existência de revistas dedicadas a questões de gênero, centenas de dissertações de mestrado e teses de doutorado, núcleos e grupos de trabalhos em reuniões científicas, livros, reflete o amadurecimento desta linha de estudos dentro e fora do Brasil. O marco simbólico foi a publicação do clássico *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, em 1949.

Por outro lado, estas investigações abriram um espaço de reflexão sobre grupos estigmatizados socialmente, como prostitutas, homossexuais, travestis e transexuais, assuntos considerados interessantes para um público cada vez maior, sendo que, ao lado dos estudos étnicos, são os que mais atingem o grande público, ou seja, ambas as temáticas são as que mais atraem a sociedade extra-acadêmica, contribuindo para tornar o pensar universitário útil de alguma forma. Desta forma, os estudos referentes aos afro-brasileiros (bem como a outras etnias) e os estudos de gênero têm tido considerável espaço nos meios de comunicação de massa.

Em suma, ajudando a entender melhor determinados fenômenos sociais, ampliando seu leque de questões, sendo objeto de atenção da mídia, os estudos de gênero passaram a ser percebidos como um produto importante para o mercado editorial que tem publicado inúmeros títulos sobre a temática em questão. Um dos assuntos que mais tem atraído a atenção deste mercado editorial é a chamada 'crise da masculinidade', merecendo não apenas a publicação de livros como também artigos em jornais e em revistas de grande circulação.

Os gêneros da masculinidade

Embalada pela crítica feminista dos anos 70, a noção de gênero emerge no cenário acadêmico balizada na constatação de assimetrias – visíveis pela perspectiva comparativa – no âmbito das de-

terminações culturais de 'sexo'. A Antropologia se apropria imediatamente deste instrumental intelectual, vendo nele promessas de renovação de sua vocação para a desnaturalização da vida social. Esse conceito então surge como o pilar da 'Antropologia da Mulher', capaz de explicar os atributos culturais que orientam as condutas dos sexos em situações sociais. Gênero está, portanto, desde sua inauguração enquanto espaço de reflexão acadêmica, relacionado às disposições morais socialmente atribuídas em contextos culturais específicos, não redutíveis à base biológica fornecida pelo sexo.

Observamos que a temática da masculinidade se apresenta como um campo incipiente dentro desta área de investigação maior constituída pelo gênero, mas mesmo assim vivencia pontos de efervescência e de passagem obrigatória, mesmo para aqueles(as) que se debruçam especificamente sobre o feminino/mulher (ALMEIDA, 1996). O mais contundente dentre estes pontos fulcrais talvez seja o que diz respeito ao seu relacionamento com a já mencionada 'Antropologia da Mulher' – produções que têm como marca a crítica aos essencialismos em torno do sexo e que se consolidaram num momento no qual as transformações acontecidas no contexto sociocultural do Ocidente viabilizaram drásticas posturas políticas encabeçadas pelas mulheres. A estas coube uma verdadeira luta, encarnada no movimento organizado do feminismo, pela consolidação de direitos econômicos, jurídicos, sexuais, emocionais e culturais igualitários frente à diferenciação nas relações com os homens. Anthony Giddens percebe este momento como marcado pelo que ele chama de uma 'transformação da intimidade'. Segundo o autor, esta mudança consiste na passagem do 'amor romântico', que em muito tolhia as ansias femininas em detrimento das demandas dos homens, ao ideal do 'relacionamento puro', no qual ocorre a ampliação das acepções de sexualidade. A sexualidade, de agora em diante, tenderia a não estar mais vinculada exclusivamente à reprodução, seria uma realidade cada vez mais deslocada da moral coletiva, tendo como foco emanador o Eu, que operou mudanças que dizem respeito mais que a ambos os sexos, mas à própria dinâmica da vida social e também às estruturas de gênero (GIDDENS, 1993).

Portanto a categoria gênero emerge no cenário acadêmico-científico como sustentáculo destas transformações e bastante comprometida com o movimento político do feminismo. Conforme assinalam as críticas engajadas, este compromisso por muito tempo custou o ofuscamento dos homens enquanto atores lídimos de toda esta temática nos estudos antropológicos. Os *Women's studies*, em seu viés militante, relegaram as masculinidades a um patamar intocável e homogeneizado, a um *status* de dominante. Como ressalta Miguel V. de ALMEIDA, a abordagem feminista deste período "ao tornar o masculino em equivalente implícito do social retirou-lhe autonomia e possibilidade de desconstrução crítica" (ALMEIDA, 1995:129).

David Gilmore também sustenta esta admoestação e de maneira ainda mais contundente: "much of the recent cross-cultural research is not only about women, but by women, and in some sense, for women" (GILMORE, 1990:2).

Parece que o equívoco desta postura inicial, arredia em relação à masculinidade, deveu-se em grande parte ao contexto e às trajetórias de vida daquelas antropólogas pioneiras e aos instrumentos teórico-analíticos utilizados. Maria L. Heilborn vê o ideário individualista, pertinente ao contexto cultural moderno do Ocidente, como determinante deste tipo de abordagem, em que a apreciação da problemática feminina através das idéias de 'opressão' e 'dominação' aconteceria dentro da dinâmica das esferas da vida social – família, sexualidade, reprodução – cada vez mais autonomizadas. Esta autonomia crescente em relação às instituições redundava no centramento da pessoa na categoria de indivíduo, no Eu (HEILBORN, 1993).

Em acréscimo podemos pensar que também havia a manipulação de uma idéia estreita da noção de poder – e dominação – que, "aplicada a gênero", ocultava a dimensão fundamentalmente relacional desta categoria; gênero e poder eram concebidos numa lógica fechada, a partir de dicotomias excludentes como dominantes x dominados, opressores x oprimidos, homens x mulheres. Tal pensamento é banido com as proposições deslançadas por Michel FOUCAULT, ao tomar as relações de poder sob um prisma multifacetado na forma de redes difusas de forças que agem sobre as ações sociais (FOUCAULT, 1979).

Posteriormente Pierre Bourdieu também reforça tal abordagem, com sua teoria e prática, e lança luzes neste mesmo sentido ao tratar de *A Dominação Masculina*, embasada por seus dados etnográficos da Argélia. De acordo com Pierre BOURDIEU, as relações de dominação são inevitáveis na vida social, fazem parte do processo instaurador que é classificatório por excelência, e que por si só já é hierárquico. Em suas palavras,

...dans les rapports sociaux de domination et d'exploitation qui sont institués entre les sexes, et dans les cerveaux, sous la forme des principes de di-vision qui conduisent à classer toutes les choses du monde et toutes les pratiques selon des distinctions réductibles à l'opposition entre le masculin et le féminin, le système mytico-rituel est continûment confirmé et légitimé par les pratiques mêmes qu'il détermine et légitime (BOURDIEU, 1972: 7-8).

Retomando a relação Antropologia da Mulher e masculinidade, apontamos que David Gilmore radicaliza as objeções aos primórdios da literatura feminista, sugerindo que havia uma quase total desconsideração para o projeto de uma incursão investigativa pela masculinidade. Seus ressentimentos se concentram na especificidade desta literatura inicial, que ignorava o fato de que o masculino também é uma realidade social construída, problemática e relacional. Desta forma, a masculinidade, para GILMORE (1990), apresenta-se desafiante, tendo em vista os processos de sua elaboração e consolidação nas diversas sociedades por ele arroladas em suas pesquisas.

Na comparação de informações de um grande universo de etnografias o autor procurou ressaltar singularidades, tais como os vários tipos de dramaticidade com os quais se constroem os 'verdadeiros homens' em diferentes culturas; seu intuito maior foi encontrar estruturas profundas da masculinidade, arquetipos da condição masculina. Ao acentuar sua perspectiva crítica em relação aos estudos de mulheres, focaliza fundamentalmente as dificuldades impostas aos homens em sua socialização, que diferem das dificuldades encontradas na construção da feminilidade; esta última

... rarely involves tests or proofs of action, or confrontations with dangerous foes; win-or-loose contests dramatically played out on the public stage. Rather than, a critical threshold passed by traumatic testing, an either/or condition, femininity is more often construed as a biological given that is culturally refined or augmented (GILMORE, 1990:12).

Cabe lembrar que GILMORE (1990) assume ser uma tarefa difícil delimitar esta elaboração do 'ser homem' numa proposta transcultural. Quanto a esta problemática optamos por uma perspectiva mais conjugada, na qual seria impossível supor o apagamento das contribuições até agora formuladas pela 'Antropologia da Mulher'. Assim sendo, compreendemos aquela polarização como uma disputa eminentemente política, retrato de um momento de efervescência do feminino. Porém reconhecemos que hoje, ao invés de promover a dicotomia 'homem x mulheres', os(as) intelectuais se referem a 'homens & mulheres'. Por conseguinte, acatar totalmente a proposta de David Gilmore seria incorrer nos moldes do referido maniqueísmo, agora sob o broquel dos *men's studies*. Por outro lado, seu trabalho não deixa de chamar a atenção, já que salienta o fato de também o masculino não é algo dado simplesmente pela realidade anatômica, e sim adquirido em específicos e complexos processos de socialização.

Neste aspecto não seria incorreto afirmar que a masculinidade é algo frágil (ALMEIDA, 1995). Chegando a ilações semelhantes por vias de reflexão distintas, HEILBORN (1993), inquirendo-se sobre a proeminência do masculino na cultura Ocidental, também assevera acerca desta fragilidade. Para a autora, o masculino no plano simbólico precisa superar o feminino, que representa sua condição originariamente submissa, tendo em vista a relação biogenética entre mãe e filho. Em suas próprias palavras:

... a cultura rejeita a possibilidade do par mãe-filho poder engendrar outra geração. O interdito do incesto abomina a produção de uma imagem autofecundante da mãe, o que importaria negar não só a troca, fundamento do social, como a condição de sujeito do filho. Na verdade, isso

significa dizer que o masculino carece alijar-se do encompassamento original. Donde (...) a importância verificável em múltiplas culturas em favor dos ritos de iniciação masculina – muito mais elaborados que os femininos ... (HEILBORN, 1993: 68).

Tal posicionamento teórico da autora, excluindo-se o ponto de vista acerca das militantes feministas, é bem próximo daquele adotado por Camile Paglia, que usa os termos 'femealidade' e 'hombridade', distinguindo-os de feminilidade e masculinidade: segundo ela, estes dois últimos termos seriam mais abrangentes, construções culturais referentes a gênero que existem em todas as sociedades, manifestando-se de formas diferentes. Já a femealidade e a hombridade são construções culturais tipicamente ocidentais. A seguinte passagem deixa evidente esta aproximação entre as duas teóricas:

O clímax dramático ocidental foi produzido pelo agon da vontade masculina. A ação é a rota de fuga (...), mas toda a ação completa o círculo e retorna às origens, o útero-túmulo (...). Édipo, tentando escapar de sua mãe, corre direto para os braços dela (...). Para o homem, todo ato sexual é um retorno à mãe, no sexo o homem é consumido e novamente liberado pelo poder 'dentado' que o deu à luz. A femme fatale foi produzida no Ocidente pela mística da ligação entre mãe e filho (PAGLIA, 1992: 23-24).

Assim, o caráter dominante da hombridade (masculinidade ocidental) exige constantes reafirmações e uma grande disciplina e autocontrole para a manutenção de um *status*, o que lhe impõe duras provas. Em vista disso sustentamos que são várias as masculinidades, e a referida 'hombridade' é uma delas. Identificar-se como homem – ou mulher – não é simplesmente função, ou mesmo uma elaboração complexa de atributos fisiológicos, sendo que todo esse processo social toma caminhos específicos e arbitrariamente definidos segundo suas próprias lógicas de formação e reprodução. Não considerar isso

seria reduzir um campo fértil de alteridades a uma massa uniforme de organismos biológicos, postura esta que vem sendo duramente combatida desde o início pela Antropologia, que condena as generalizações de largo espectro tanto quanto a idéia de sociedade global, apoiada na noção de relativismo cultural. Logo, postula a pluralidade das identidades, tanto masculinas quanto femininas.

Ao tomarmos a masculinidade e a feminilidade de maneira desnaturalizada e, assim, como metáforas de poder e capacidades de ação acessíveis a ambos os 'sexos' (ALMEIDA, 1996), podemos vislumbrar múltiplas possibilidades e combinações de papéis e de identidades de gênero. Os estudos referentes a esta temática têm, portanto, que levar em consideração as formas sociais de expressão que autorizam alguém a ser considerado 'homem', e o que cria a variabilidade destas modalidades nas práticas cotidianas.

Retomando o que já fora dito anteriormente, gênero, de maneira um tanto particular, apresenta a propriedade de permear todas as outras categorizações de identidade social do sujeito. Significa uma categoria social de apreensão do mundo real e assim como tempo e espaço funciona como um princípio classificatório capaz de conferir significado ao sensível e, assim sendo, trespassa os outros níveis da identidade: etnia, classe, religião, faixa etária, etc.; desta feita, as propostas de investigação científica que giram em torno do gênero representam um desafio, por proporem uma incursão nos interstícios da masculinidade com outras variáveis socioculturais. Dizendo de outro modo: ao se buscar compreender como ocorre o processo dinâmico de construção, desconstrução e reconstrução da(s) masculinidade(s) no Ocidente moderno, devemos estar atentos/as para as interferências e determinações de ordem etária, étnica, de classe, de grau de escolaridade, orientação sexual, entre outras tantas. Isso equivale a dizer que são várias as formas de ser homem, de se jogar com os atributos de gênero que dizem o que é e o que não é 'hombridade'.

Talvez por isso seja difícil estudar a masculinidade com um paradigma exclusivo. Em última instância todas as perspectivas contribuem num ou outro aspecto (ALMEIDA, 1995: 130).

O postulado acima nos faz refletir que a categoria gênero, justamente devido a sua ampla área de abrangência, não opera isoladamente. No nível da práxis se entrecruza com as demais classificações culturais de identidade, sendo condicionadora e condicionada em relação a elas. Este é um fator que reforça o protótipo teórico de múltiplas masculinidades assumindo complexos e diversificados vetores na interação social concreta – nos embates cotidianos nos quais os sujeitos entram em contato.

As trajetórias de vida funcionam então como elaborações produtoras do gênero, bem como atualizam na realidade o sistema abstrato de gênero vigente na sociedade. A análise de qualquer masculinidade carece, pois, conjugar estrutura e prática (ou estrutura e história, global e local, micro e macro, social e psíquico), articulando o contato constante entre a lógica cognitiva que orienta a ação e as práticas contingentes que estão a selecionar, excluir e reformular aquelas categorias simbólicas – partes integrantes da lógica geral.

Compreender como acontece, num contexto específico, esta coabitação dos esquemas inconscientes de pensamento – orientados por um princípio social de divisão que classifica o real segundo oposições entre masculino e feminino, e as práticas, as situações sociais que, em sua infinita variabilidade e riqueza, criam ramificações, afirmações e situações de reprodução das estruturas cognitivas – é o desafio maior de todos/as aqueles/as que se debruçam sobre este insólito terreno acadêmico. Salientando este aspecto, Marshall Sahlins acredita que há

... uma interação dual entre a ordem cultural enquanto construída na sociedade e enquanto vivenciada pelas pessoas: a estrutura na convenção e na ação, enquanto virtualidade e enquanto realidade. Os homens em seus projetos práticos e em seus arranjos sociais submetem as categorias culturais a riscos empíricos (SAHLINS, 1994: 8).

Isto aponta para uma outra distinção importante quanto às estratégias de análises e que urge ser lembrada. Uma coisa seria focar a masculinidade enquanto lógica cognitiva e classificadora, tratar abstratamente sobre as maneiras arbitrárias

como se estabelecem as relações de gênero através da detecção de regras morais que orientam a ação tendo em vista as categorias simbólicas que regem a construção deste domínio (de uma masculinidade geral, sem homens). O que propomos é atentar às masculinidades concretas – como são vividas nos contextos sociais. Desta forma, o mapa simbólico que recorta o real, fornecido pela lógica do sistema de gênero, não deve ser compreendido com um fim em si, como uma ‘chave mágica’ para a solução de todos os problemas da análise sociocultural. Logo, na interpretação das categorias simbólicas devem ser somadas as práticas que as dinamizam (HEILBORN, 1994).

Há que se ter cuidado de não incorrer no erro de um determinismo das estruturas; olhar para aquilo que é ser homem, portanto, é lobrigar para as múltiplas determinações socioculturais que são vividas por pessoas reais. É focalizar as maneiras como se organizam hierarquicamente, atentar às múltiplas identidades, às expressões psíquicas e aos sentimentos vividos na interação cotidiana. Cabe aos antropólogos e aos psicólogos sociais (em especial) que se debruçam sobre as masculinidades procurar aqueles critérios segundo os quais homens concretos são culturalmente diferenciados. Categorias e critérios estes que obviamente não emanam exclusivamente de estruturas inconscientes a-históricas e imutáveis, e sim de uma realidade mais dinâmica e interacional, onde são constantemente tomados e retomados, acatados e reavaliados, empregados e abandonados. Em síntese, há que se buscar a inter-relação entre estrutura e prática

... ao nível da negociação cotidiana, das interações carregadas de poder, das reformulações das narrativas de vida (ALMEIDA, 1996: 164).

Logo, as significações do que é ou não é um homem são várias e estão sempre sendo negociadas, reforçadas e/ou questionadas, exigindo por isso reafirmações ritualizadas e estereotipadas constantemente. São fluxos sociais interativos, em nada estanques.

Masculinidade e corporalidade

Até o presente momento deslocamos a construção da masculinidade de toda relação com uma base biológica, dos atributos físicos. Entretanto,

o corpo deve ser considerado nestas formulações. Por isso o consideramos como uma base concreta sobre a qual se investe o social. Admitir esta idéia implica entender o corpo não como um fim, um dado, mas como um meio variável de expressão de caracteres socialmente determinados, meio este que é moldado de diversas maneiras. Nestes termos, diferentemente dos culturalistas radicais, não entendemos o corpo enquanto 'criado', inventado pela cultura, mas sim como uma matéria-prima amorfa que as sociedades moldam, formatam, atrofiam, expandem, cada uma à sua maneira. Conforme sugere Marcel Mauss, devemos ter em mente a idéia de técnicas corporais para bem compreender este processo social de 'modelagem' do corpo. Tais técnicas corporais então seriam

... as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos (MAUSS, 1974: 211).

Os corpos são produtos de práticas culturais que os constroem tanto simbolicamente, como foi por nós demonstrado nas observações anteriores acerca da masculinidade, quanto materialmente – ambos os aspectos se manifestam no corpo transformando 'machos' em homens. A partir dos indícios teóricos deixados por David Gilmore e por Miguel V. de Almeida, é lícito afirmar que ser homem requer habilidades específicas. O fato de se ser socialmente reconhecido como homem é sustentado basicamente por meio de habilidades discursivas e corporais 'naturais'. Neste sentido a masculinidade é uma expressão do discurso e também do discurso enquanto prática, materializado (FOUCAULT *apud* ALMEIDA, 1995). E neste 'idioma' da masculinidade o corpo é um elemento expressivo de discursividades que se manifestam na rigorosa disciplina dos gestos, dos modos de falar, de se vestir, nas atitudes frente às situações de interação social e às emoções. Assim, o mundo social trata os corpos como uma *pense-bête*.

Il y inscrit, sous la forme notamment de principes sociaux de division que le langage ordinaire condense dans des couples d'oppositions, les catégories fondamentales d'une vision du monde (ou, si l'on préfère, d'un système de valeurs, ou d'un système de préférences) (BOURDIEU, 1972: 11).

Desta maneira, os corpos são alvos de objetificação destas estruturas marcadas por pares de oposições que

... enferme les hommes et les femmes dans un cercle de miroirs qui réfléchissent indéfiniment des images antagonistes, mais propes à se valider mutuellement (BOURDIEU, 1972: 10).

O peculiar destas distinções classificatórias articuladas e informadas pelas relações de gênero, e que se materializam nos corpos de 'homens' e 'mulheres', é a maneira como se espriam por toda a paisagem social. Sendo categorias de apreensão do real, se difundem e permeiam todas as instâncias, fazendo com que o terreno social pareça um terreno naturalizado. É a concorrência destas estruturas cognitivas às estruturas objetivas que possibilita a naturalização das relações hierárquicas instituintes do plano social. O conceito de *habitus*, que retoma a problemática da mediação no debate entre objetivismo e fenomenologia, parece ser adequado para compreendermos os corpos socializados. Por conseguinte, este conceito é delineado como um

... sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente 'regulamentadas' e 'reguladas' sem que por isso sejam o produto de obediência a regras objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro" (BOURDIEU *apud* ORTIZ, 1986: 15).

Disto decorre que as práticas orientadas pelas estruturas e relações de gênero – bem como por outros sistemas sociais de classificação e de poder – vêm reforçar e justificar estas próprias estruturas que as informam. Desta forma, é correto afirmar que

... é em termos destas distinções que os homens e mulheres constroem mais cla-

ramente seus mais significativos e mais profundos entendimentos de si próprios, tanto como indivíduos como membros de uma ordem social particular (PARKER, 1991: 104).

As próprias marcas corporais que definem homens e mulheres, que encontram seu sentido na lógica binária de classificação, são as mesmas que alimentam a reprodução desta ordenação simbólica entre masculino e feminino. Assim, a experiência corpórea vivida é naturalizada, o que significa dizer que homens e mulheres, exercendo seus respectivos papéis sociais, o fazem 'naturalmente', segundo lógicas que dizem respeito a diretrizes socioculturais. É através destes corpos socializados que o passado se reproduz, sendo que tais corpos funcionam como bases existenciais da cultura (ALMEIDA, 1995). São, porquanto, instrumentos a reforçar desigualdades entre homens e mulheres, e transpondo estas diferenças para um plano ontológico, tornam-se a essência e a justificativa desta assimetria. Sendo assim, a dominação masculina se faz e se perpetua nestes termos. Não necessita de uma explicação para, frente à 'óbvia' inferioridade feminina, se afirmar.

A assimetria fundamental se expressa então nas 'técnicas corporais', reproduzindo-se no espaço e no tempo. Quanto a isso, nota-se delinear em relação ao sistema de gênero duas dimensões que lhe são constitutivas: como já foi tratado, tem-se gênero com uma 'cartilha' social, um princípio de classificação ordenador do real, idéia abstrata, sem homens ou mulheres, e por outro lado, gênero como um produto da pessoa, conectando a dimensão simbólica à sua contrapartida material, à corporalidade, noção ligada ao terreno confuso e sujeito a riscos da vida 'mais real', como defende Marshall SAHLINS (1994). Gênero, e, por conseguinte, a dominação masculina ancoram-se tanto na dimensão simbólica, quanto na imagem da pessoa, condição concreta de expressão desta lógica.

Masculinidade(s) brasileira(s)

Várias clivagens podem ser percebidas neste terreno da masculinidade, ainda que sejam mais infreqüentes do que aquelas que acontecem no âmbito da feminilidade, sendo que um dos motivos para isso é que o masculino está mais imbuído de valor social positivo, desta forma há uma maior relutância na sua transformação e uma maior articulação homogeneizadora em torno dos seus vários atributos.

Mesmo que isso ainda não ocorra tão amplamente, a mídia noticia casos de homens que cuidam dos filhos sozinhos, casais gays alugando barrigas para realizar o desejo de ser pai, homens que brigam na justiça pela guarda dos filhos e até a possibilidade de homens virem a engravidar em um futuro próximo. Além disso, um direito que era negado ao homem, o de ser afetivo a acompanhar o crescimento de seus filhos (mesmo direito que era negado aos seus filhos, obrigados a verem no pai uma figura violenta ou ausente), agora não só é permitido como estimulado.

Roberto Da Matta frisa a importância da relação entre casa e rua na organização do universo simbólico brasileiro (DA MATTA, 1985), articulação teórica que é de suma importância para entendermos a masculinidade e a feminilidade no referido contexto. Sua argumentação flui pela demarcação de um 'espaço moral' traçado pela oposição entre as categorias de casa e rua³; assim,

Quando (...) digo que 'casa' e 'rua' são categorias sociológicas para os brasileiros estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade (...) capazes de despertar emoções, reações, leis ... (1985: 12).

³ DA MATTA (1997), ao lembrar de alguns fatos marcantes de sua infância em uma pequena cidade do interior de Minas, nos deixa importantes indícios para se compreender a estrutura simbólica da masculinidade. Um dos signos é a obsessão dos meninos com o tamanho do pênis já que "ter o pênis grande era sinal de orgulho e marca de masculinidade" (p. 41). Obsessão esta que gerava concursos para medir o tamanho do pênis. Ainda segundo o autor: "Diz-se no Brasil que, numa situação de confronto, um homem vai decidir tudo 'mostrando o pau', isto é, apresentando o seu falo para os outros homens implicados no conflito. Do mesmo modo ele lembra que 'dar porrada', 'meter o pau' em alguém denotam agressão e/ou depreciação de outra pessoa.

Esta dicotomia estabelece uma lógica ordenadora do real que o divide em público e privado, sendo que no Brasil são âmbitos que não devem se misturar, e ainda, o privado é 'confundido' com doméstico. Este último espaço, privado/doméstico, é a esfera da ordem tradicional fundada na assimetria articulada pela ideologia patriarcal. Ao homem cabe prover economicamente este âmbito, local de retiro e paz, de "pessoalização", informalidade, orquestrado pela mulher. A calma e o ritmo feminino da casa têm como oposto a impessoalidade e o dinamismo da rua, este sim, círculo dominado por homens. É preciso ser forte e 'melhor que o resto' para se sair bem neste ambiente hostil e competitivo, onde apenas os verdadeiros amigos têm 'vez', daí a importância dada pelos homens à camaradagem e às fraternidades – oficiais, como o exército ou a maçonaria, ou informais, como as torcidas organizadas de futebol. Tal como aponta o ditado popular, neste âmbito vigora, especialmente nas sociedades 'mediterrânicas', a seguinte mentalidade: "aos amigos tudo, aos inimigos a lei".

Mídia: o masculino em questão

De acordo com a mídia de grande circulação no país, as mudanças na casa e na família brasileira, como o aumento da participação da mulher na divisão de responsabilidades e a crescente ausência do homem têm criado confusões prejudiciais às crianças. Entre as consequências está a delinquência juvenil. Uma matéria sobre este assunto estava na primeira página da *Folha de São Paulo* de um domingo (1/11/98): *Ausência do Pai Cria Confusão nos Filhos*. Desta forma, as mudanças no comportamento da mulher estariam a 'nublar' e a tumultuar a demarcação entre público e privado.

O(a) leitor(a) do referido artigo rapidamente conclui que a 'culpa' é das mulheres que trabalham fora e que criaram uma confusão no homem e na família e, portanto, incentivaram a delinquência juvenil. Esta matéria recente repete e reforça, explicitamente, os mesmos argumentos dos que eram contra o voto feminino e o trabalho da mulher fora do lar há quase um século. O Código Civil Brasileiro, de 1917, reservava à mulher casada um estatuto de total submissão à autoridade do marido, o que a impedia de ter conta bancária em seu próprio nome ou ter qualquer vínculo de emprego sem autoriza-

ção do marido. O direito ao voto feminino no Brasil, conquistado em 1932, teve opositores ferrenhos que diziam que a 'única missão da mulher deveria consistir em ser o anjo tutelar da família'. É interessante olhar estas matérias buscando encontrar o 'bode expiatório' do momento para as 'angústias' masculinas: de forma nada sutil, o trabalho feminino e o aumento do poder da mulher no seio familiar são apontados como os responsáveis pela ausência cada vez maior do homem em casa, assim como pelo enfraquecimento de sua imagem (leia-se poder) diante dos filhos.

Em suma, o homem moderno, segundo os meios de comunicação, não apenas está em crise, mas também está sendo ameaçado de extinção. E a mulher pode ser apontada como uma das principais causadoras do desaparecimento da 'espécie'. Os textos, de diferentes formas, assinalam que a crise de identidade que os homens atravessam foi, em grande parte, provocada pela mudança no papel das mulheres. É interessante analisar tais tipos de matérias, bem como muitas revistas femininas que repetem, exaustivamente: 'o homem tem medo de mulher independente', 'o homem se sente ameaçado com as conquistas femininas', 'o homem está inseguro e frágil porque perdeu sua identidade'. Estas falas e discursos consolidam a idéia de que a mulher independente representa um perigo para a masculinidade e é determinante da crise que tanto o homem quanto a família tradicional atravessam. Esta mulher, ao contrário de ser percebida como uma parceira, uma companheira que pode tirar de seus ombros uma série de obrigações que lhe eram exclusivas, é vista como uma rival, disputando seu poder, seu emprego, privilégios e suas regalias: uma inimiga, uma rival a ser vencida.

Corroborando a precedente análise, temos o estudo sobre as mulheres que são amantes de homens casados, *As Outras*. Naquela ocasião Míriam GOLDENBERG (1997) ouviu o outro lado, o masculino. Isso porque é mais comum mulheres estudarem mulheres, homens heterossexuais estudarem homens heterossexuais, gays estudarem gays, fato que, além de causar um certo estigma ao pesquisador que 'não' investiga o grupo a que pertence ('se ela estuda a outra é porque deve ser a outra...'), produz uma compreensão limitada dos papéis desempenhados por homens e mulheres na cultura brasileira. Então, saindo

deste lugar-comum com esta pesquisa, realizada com homens universitários de idades entre 30 e 50 anos, moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro, a autora percebeu que muitos estereótipos a acompanhavam. Quanto a isso, procurou trilhar o pensamento de Michel Foucault:

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir (FOUCAULT apud GOLDENBERG, 1997: 189).

Portanto, não permaneceu ouvindo apenas as mulheres. Notou que precisava aprender um pouco mais sobre os homens. E neste sentido, um dos aspectos que mais chamou a atenção da autora foi o fato de que todos os homens entrevistados se perceberem como fora do modelo de masculinidade. Com relação ao número de parceiras sexuais, alguns tiveram apenas uma, enquanto outros afirmaram que tiveram mais de cem. Todos, no entanto, acreditavam estarem 'fugindo' da regra, afirmando que seus amigos 'transaram' com muito mais mulheres. Também aqueles que nunca tiveram relacionamentos extraconjugais acreditavam que eram exceção, julgando que seus amigos tiveram vários casos e aventuras mesmo amando as esposas. Em vários momentos da pesquisa os entrevistados demonstraram o medo de serem acusados de 'viados' ou 'afeminados' por não corresponderem ao modelo (ideal) de virilidade do brasileiro, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, acusavam os homens com tal performance de 'machistas' e 'galinhas'.

Cabe aqui mencionar outro conceito essencial para se entender a masculinidade: é a noção de 'hegemonia' que deriva das formulações de GRAMSCI (apud VELHO, 1986) sobre a política nas relações entre as classes sociais. Em consonância com tal conceito está a idealização de 'um' masculino geral, manifesta pelos entrevistados da autora:

... a noção gramsciana de hegemonia tem sido particularmente importante para chamar a atenção para os aspectos ideológicos da dominação em contraste com a visão reificada do puro domínio da força (VELHO, 1986: 134).

Um dos elementos constituidores da masculinidade hegemônica ocidental, e mais especificamente da hombridade mediterrânea, é o comportamento 'donjuânico': João Silvério Trevisan (1998) explica o donjuanismo como uma busca obcecada e insatisfatória de novas aventuras, que gera a 'infidelidade típica do macho' ocidental e mais especificamente do homem latino, estereótipo tão disseminado que, em muitas culturas, acabou se tornando evidência de virilidade. Isto posto, entendemos que o conceito de 'masculinidade hegemônica' aponta para valores e conjuntos de significados que ordenam a apreensão do mundo segundo uma lógica de divisão e distribuição desigual de poder entre os gêneros. A masculinidade hegemônica subentende outras masculinidades submetidas a ela numa relação de subordinação, sendo esta assimetria consensualmente vivenciada pelos sujeitos sociais, onde os dominados (estas outras maneiras de ser masculino e todos os 'femininos') participam de sua própria dominação na medida em que defendem (verbal e comportamentalmente) a legitimidade de apenas uma masculinidade.

Assim sendo, esta masculinidade hegemônica reproduz para o interior da 'masculinidade' (conceito generalizante) as relações hierárquicas de dominação que estruturam a idéia de gênero na interação entre masculinidade/s dominante/s e feminilidade/s subalterna/s. Há, deste modo, masculinidades múltiplas e, assim, há um grande abismo entre a proposta hegemônica e as possibilidades de atualizações concretas deste modelo. O conceito hegemônico é uma resposta cultural acabada, completa e inatingível, que jamais é encontrada numa pessoa integral e concretamente. Como define Miguel V. de Almeida:

A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível – na prática e de forma consistente e inalterada – por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres, um efeito controlador (ALMEIDA, 1996: 163).

Assim, surgem algumas dificuldades na vida dos homens, pois a sua experiência social é justamente o diálogo por vezes difícil entre a complexidade polimorfa dos seus sentimentos e comportamentos e o maniqueísmo dos padrões (ALMEIDA, 1995). São oprimidos pela sua dominação, o que não deixa de ser preferível, ten-

do em vista o que ocorre com as mulheres, que são subjugadas por um modelo que a princípio não é o seu. Necessitamos pensar também que

... para os homens é mais difícil inventarem outras formas identitárias, pois, seguindo o pensamento dicotômico, a alternativa que resta é a inferior, feminina (ALMEIDA, 1995: 247).

Nestes termos, e da mesma forma como também foi apresentada anteriormente enquanto uma instância lógica da ordenação das interações de gênero, visualizamos uma masculinidade que é instável. Carece, pois, de sustentação contínua, de constantes e repetitivos mecanismos de reafirmação, ritos reiterativos que são os responsáveis pelo caráter notavelmente performático e ritualizado, algumas vezes beirando a estereotipia, das relações entre os homens.

Aqui merece ser introduzido o conceito de desmapeamento proposto por FIGUEIRA (1985), extremamente útil para analisar a presença de ideais aparentemente contraditórios no masculino atualmente: a nostalgia da segurança advinda da posição superior e a valorização de um relacionamento sem vínculos obrigatórios e sem o desgaste do cotidiano podem, contraditoriamente, conviver na mesma pessoa. De acordo com o autor, as mudanças sociais são rápidas e 'visíveis', não sendo acompanhadas no mesmo ritmo e intensidade pelas subjetividades individuais, que incorporaram práxis 'modernas' sem eliminar *ethos* 'tradicionais', que permanecem invisivelmente atuantes dentro dos sujeitos. Esse descompasso entre aspectos visíveis e invisíveis das relações de gênero leva à coexistência de mapas, ideais e normas contraditórias que muitas vezes é insuportável. A convivência do ideal 'obsoleto', que permanece ativo e poderoso num plano inconsciente, com um ideal 'de vanguarda' no plano consciente gera este desmapeamento. Apesar desta ambigüidade, motivo de desorientação e sofrimento psíquico, a sociedade reforça ilusoriamente a idéia de que as pessoas são livres para optar, escolher e construir seus estilos de vida e relacionamentos.

Se, de um lado, percebemos que continua a existir uma estigmatização daqueles que são percebidos como um desvio do modelo dominante, como os homossexuais (sobretudo os de orientação sexual passiva e/ou afeminados), de outro, inicia-se um reconhecimento, e até mesmo valorização, destes comportamentos social-

mente desviantes. Podemos sentir, facilmente, uma oscilação entre um modelo tradicional de gênero e, ao mesmo tempo, o desejo de inventar e questionar os comportamentos e papéis sexuais existentes. Conseqüentemente, cada indivíduo pode sofrer na pele o dilema de mudar ou permanecer, confuso entre o medo de ser diferente dos demais e a liberdade de poder ser tudo o que deseja. Esta ambigüidade se reflete na mídia e se traduz em muitas dificuldades que heterossexuais, homossexuais e bissexuais devem enfrentar em seu cotidiano.

Desta maneira, o homem dos anos 90 e do século XXI parece ocupar o espaço de reflexão que teve a mulher nos anos 60 e 70, tanto no mundo acadêmico quanto fora dele. Os debates nos programas de televisão são outro reflexo desta mudança de enfoque. Na verdade, continua a preocupação com os mesmos temas – tais como a distribuição desigual de poder, mas que a cada momento ganham uma nova roupagem. É interessante observar como estas preocupações, antes restritas a grupos de elite, expandiram-se para todos os setores sociais, ainda que com forças diferentes.

CONCLUSÃO

Tendo em vista esta situação, não é de estranhar a matéria publicada no *O Globo* (31/1/1999) que anuncia o verão de 1999 como sendo *O Verão dos 'Espadas'*. A matéria afirma que 'espada' é a nova gíria do Rio de Janeiro e que veicula a idéia de masculinidade nos anos 90. É um termo recuperado dos círculos dos *playboys* elegantes dos anos 50, e se fundamenta num ícone guerreiro europeu. A gíria espada, para o psicólogo Sócrates Nolasco, lembra os heróis medievais e está sendo usada pela nova geração como uma tentativa de revalorizar a virilidade, em um momento em que a figura do macho está tão desgastada.

O homem heterossexual branco está intimidado. Houve uma atualização da imagem social da mulher, do negro, do homossexual. O homem continuou como era. Nesta nova ordem do mundo, ele virou o opressor, o politicamente incorreto. A espada é uma representação do guerreiro, é viril, resgata a força e o status (NOLASCO, 1995: 74).

Alguns homens, no entanto, parecem não querer ser 'espada' e optam por descobrir novas possibilidades de 'ser homem'. São pessoas que reconhecem e contribuem para as mudanças que o comportamento masculino vem sofrendo. Para João S. TREVISAN (1997), muitas dessas mudanças podem ser vistas como produto dos espaços conquistados pelos homossexuais masculinos que então se abriram para os heterossexuais, tais como a utilização de roupas mais descontraídas, cabelos compridos ou pintados, brincos, cuidados com a aparência e o corpo e, até mesmo a possibilidade de fazer cirurgia plástica por razões puramente estéticas.

Não é à toa então que artigos de jornais e de revistas, assim como seriados (*Will & Grace*) e filmes americanos (*A Razão do Meu Afeto*), mostram que o gay passou também a ser objeto de desejo de algumas mulheres, aquelas que também fogem dos estereótipos. Um exemplo disso é a declaração, hoje clássica, da *pop star* Madonna à revista gay norte-americana *Advocate* (1990). Segundo a controvertida atriz e cantora, 'todo homem deveria sentir a língua de outro homem na boca pelo menos uma vez'. Tudo isso de um modo ou de outro (pois até mesmo o fato de se condenar declarações como estas faz com que se pense sobre elas), favorece o desmapeamento anteriormente citado.

Considerando, tal como postula KIMMEL (1998), que tanto a masculinidade hegemônica quanto a feminilidade ideal produzidas pela sociedade patriarcal são 'imperceptíveis' àqueles que tentam obtê-la como ideais de gênero, pode-se dizer que o que vem ocorrendo atualmente é uma maior consciência crítica das experiências e visões de mundo consideradas específicas de homens e mulheres. Papéis considerados como masculinos, como, por exemplo, o homem provedor, chefe de família, e aqueles tidos como exclusivamente femininos, como a esposa, mãe exemplar, dona de casa, estão sendo relativizados por outros atributos como homem sensível, vaidoso e emotivo e mulher forte, empreendedora, corajosa. Este jogo permite observar, nitidamente, a coexistência de modelos tradicionais de ser homem e mulher e novas representações sobre o masculino e sobre o feminino, traduzindo-se em múltiplos padrões competindo e convivendo com os padrões tradicionais.

No que se refere à sexualidade, é possível encontrar artigos de jornais e revistas com entrevistados acre-

ditando que o futuro aponta para o predomínio das relações bissexuais, quando o sexo biológico terá menos importância do que a pessoa pela qual se está apaixonado e/ou desejando. Elisabeth BADINTER (1986) já discutiu esta possibilidade em *Um É o Outro*, bem como Camille PAGLIA (1996) em *Vamps & Vadias*. Para a socióloga francesa, homens e mulheres estariam cada vez mais próximos e indiferenciados, sem traços culturais marcados como exclusivamente femininos ou masculinos.

Os estereótipos do homem 'viril' e varonil e da mulher feminina e delicada estariam, nesta perspectiva, sendo pulverizados. Não existirá mais um modelo obrigatório e rígido, mas uma infinidade de modelos possíveis. Curiosamente, é esta liberdade para escolher entre uma multiplicidade de comportamentos e de identidades, e a conseqüente responsabilidade que ela acarreta, que parece estar assustando homens e mulheres. Eles e elas demonstram ter medo de perder as regras e classificações cerceadoras (porém seguras) que tornavam relativamente previsível saber como se comportar, o que desejar e que papéis cumprir. Hoje, tanto as opções afetivo-sexuais, quanto as profissionais estão cada vez mais infinitas e flexíveis, e as escolhas podem provocar verdadeiro pânico do desconhecido.

Em epítome, o que demonstra a profusão destas modificações é que aquilo que era visto como um tema periférico nas Ciências Humanas e Sociais hoje é estimulado por financiamentos e concursos, criando um campo fértil de estudos. Talvez isso signifique que a masculinidade, ao contrário de estar em crise, se tornou uma questão a ser pensada e debatida. Algo que era entendido como natural, o poder do 'macho', passou a ser questionado, objeto de crítica, ou melhor, problematizado por homens e mulheres. Até recentemente, como lembra João S. TREVISAN (1998), homens heterossexuais não se julgavam passíveis de discussão acadêmica ou mesmo no senso comum. Hoje tende-se, ainda que lentamente, para uma não existência de um único modelo como única referência de masculinidade para todos. O 'machista' é, agora, alvo de risos e críticas.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim do Século, 1995.

- _____. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. In: *Anuário Antropológico*. n. 95. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 161-189.
- BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. Sociologia. In: ORTIZ, Renato (org.). *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. n.39. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. A dominação masculina. Porto Alegre: UFRS, 1992 (mimeografado).
- _____. *Esquisse d'une théorie de la pratique: précédé de trois études d'ethnologie Kabyle*. Paris: Droz, 1972.
- BOZON, Michel et al. Les caresses et les mots: initiations amouresses à Rio de Janeiro et à Paris". In: *Terrain*, n. 27. Paris, 1995, p. 37-58.
- CARVALHO, José J. O jogo de bolinhas: uma simbólica da masculinidade. In: *Anuário Antropológico*. n. 87. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. p. 191-222.
- DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. Relativizando o interpretativismo. In: OLIVEIRA, Roberto C. de (org.). *Homenagem*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- _____. Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina. In: *Homens*. São Paulo: SENAC, 1997.
- FIGUEIRA, Sérvulo. *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. Lisboa: Portugal, 1979.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993a.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993b.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.
- GILMORE, David. *Manhood in the making: cultural concepts of masculinity*. New Haven: Yale University Press, 1990.
- GOLDENBERG, Mirian. *Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- _____. *A outra: estudos antropológicos sobre a identidade da amante do homem casado*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- HEILBORN, Maria Luiza. Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada. In: *Estudos Feministas*. Vol. 1, n. 1. Rio de Janeiro: ECO – UFRJ, 1993.
- KIMMEL, Michael. A produção simultânea da masculinidade hegemônica e subalterna. In: *Horizontes Antropológicos* 9. n. 4. out/1998.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia & Antropologia*. Vol. II. São Paulo: EDUSP, 1974.
- NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PAGLIA, Camille. *personas sexuais – arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- SAHLINS, Marshall. *Ilha de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- TREVISAN, João Silvério. *Seis balas num buraco só*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. *Homens*. São Paulo: SENAC, n.2, 1997, p.87-101.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- VELHO, Otávio. Hegemonia. In: *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p. 543-544.